





© Shanaye Sutherland

KRYSTAL SUTHERLAND é autora e produtora. Seu primeiro livro, *A química que há entre nós*, foi publicado em mais de 20 países e teve seu filme produzido pela Amazon. Nascida na Austrália, Krystal já morou em quatro continentes, mas hoje considera Londres seu lar. Seus maiores medos são alturas, cavernas escuras e – talvez o pior de todos – sapos. *Uma lista (quase) definitiva de piores medos* é seu segundo livro publicado no Brasil pela Alt.

krystalsutherland.com
[@km_sutherland](https://www.instagram.com/km_sutherland)

SUMÁRIO

Pular sumário [»»]

Capítulo 1 | O menino no ponto de ônibus

Capítulo 2 | A casa de luz e fantasmas

Capítulo 3 | O garoto da fogueira

Capítulo 4 | Fios de luz e assassinos em série

Capítulo 5 | Morte e lagostas do tamanho de cavalos

Capítulo 6 | A maldição e o Ceifador

Capítulo 7 | 1/50: lagostas

Capítulo 8 | O bandido do armário

Capítulo 9 | O terrível segredo de David Blaine

Capítulo 10 | 2/50: mariposas

Capítulo 11 | Shakespeare, estrelas e um Optimus Prime aquático

Capítulo 12 | O Rei da Armazenagem

Capítulo 13 | O Homem Que Seria a Morte

Capítulo 14 | 4/50: espaços pequenos

Capítulo 15 | Há rotas mais diretas para a morte do que mariposas e lagostas

Capítulo 16 | 5/50: raios

Capítulo 17 | 6/50: penhascos

Capítulo 18 | 7/50: milharais

Capítulo 19 | Um belo dia para um casamento tradicional

Capítulo 20 | 8/50: dirigir automóveis

Capítulo 21 | 9/50: encarnação de satã, também conhecido como ganso

Capítulo 22 | E os adultos se perguntam por que os adolescentes bebem

Capítulo 23 | O beijo frio da morte

Capítulo 24 | 15/50: cadáveres

Capítulo 25 | 17/50: bonecas

Capítulo 26 | As irmãs Bowen

Capítulo 27 | 18/50: cemitérios

Capítulo 28 | 21/50: prédios abandonados

Capítulo 29 | A luz que vai se apagando

Capítulo 30 | 25/50: enterrado vivo

Capítulo 31 | A porta da morte

Capítulo 32 | Eugene

Capítulo 33 | O menino sombra

Capítulo 34 | Traição

Capítulo 35 | O grande roubo das orquídeas

Capítulo 36 | A mulher vermelha

Capítulo 37 | Ah, irmão

Capítulo 38 | O fantasma do passado de Esther

Capítulo 39 | Como se recuperar da traição abominável de seu bom amigo/interesse romântico

Capítulo 40 | Uma lista quase definitiva de piores medos

Fontes

Notas

Meu imenso obrigada

Créditos

*Para Chelsea e Shanaye
e todos que já sentiram medo:
vocês são mais corajosos do que imaginam.*

CAPÍTULO 1

O MENINO NO PONTO DE ÔNIBUS

Esther Solar estava esperando do lado de fora da Casa de Repouso e Centro de Reabilitação Lilac Hill há meia hora quando recebeu a notícia de que a maldição voltara a acontecer.

Rosemary Solar, sua mãe, explicou ao telefone que não poderia, em hipótese alguma, buscá-la. Um gato negro como a noite, com duas fendas amarelo-demoníacas servindo de olhos, havia sido encontrado sentado em cima do capô do carro da família – um mau agouro sinistro o bastante para impedir que ela dirigisse.

Esther permaneceu impassível. O desenvolvimento espontâneo de fobias não era um fenômeno novo na família Solar, então ela caminhou até o ponto de ônibus, a quatro quarteirões de Lilac Hill, com sua capa vermelha revoando na brisa noturna e atraindo olhares de estranhos pelo caminho.

Durante o caminho, ela pensou para quem as pessoas normais ligariam numa situação como essa. Seu pai ainda estava enclausurado no porão, onde havia se confinado há seis

anos, Eugene estava ausente (Esther desconfiava de que ele havia escapulado por outra fresta de realidade – isso acontecia com Eugene, de tempos em tempos), e seu avô já não tinha a capacidade motora necessária para manejar um veículo (sem contar que ele não se lembrava de que ela era sua neta).

Basicamente, Esther tinha bem poucas pessoas que poderiam socorrê-la numa crise.

O ponto de ônibus estava vazio para uma sexta-feira à noite. Havia apenas mais uma pessoa sentada ali, um cara negro e alto, vestido como um personagem de um filme de Wes Anderson, com uma calça de veludo cotelê verde-limão, uma jaqueta de camurça e uma boina cobrindo o cabelo. O garoto chorava baixinho, então Esther fez o que se supõe fazer quando um estranho demonstra emoção em excesso em sua presença: ela o ignorou completamente. Sentou-se ao lado dele, pegou a sua edição surrada de *O poderoso chefão* e se esforçou muito para se concentrar na leitura.

As luzes acima deles zuniam como um ninho de vespas, piscando, acendendo e apagando. Se Esther tivesse continuado a olhar para baixo, o ano seguinte de sua vida teria sido bem diferente. Mas ela era uma Solar, e os Solar tinham o péssimo hábito de se meter onde não eram chamados.

O menino chorava dramaticamente. Esther ergueu os olhos. Havia um hematoma escuro como uma ameixa dominando a maçã do rosto dele, e sangue escorria de um corte no supercílio, sob a luz fluorescente. Sua camisa

estampada – claramente doada a um brechó em meados dos anos 1970 – estava com a gola rasgada.

O menino soluçou de novo, olhando para ela de esguelha.

Esther geralmente evitava conversar com pessoas, a não ser que fosse totalmente necessário. Na verdade, ela às vezes evitava as pessoas até quando *era* totalmente necessário.

— Oi — ela disse, finalmente. — Você está bem?

— Acho que eu fui assaltado — ele respondeu.

— Você *acha*?

— Não consigo me lembrar. — Ele apontou o machucado na testa. — Mas levaram meu celular e a minha carteira, então eu acho que fui assaltado.

E foi então que ela o reconheceu.

— Jonah? Jonah Smallwood?

Os anos o haviam mudado, mas ele ainda tinha os mesmos olhos grandes, o mesmo maxilar forte, e o mesmo olhar intenso de quando era criança. Agora ele tinha mais cabelo, a sombra de uma barba por fazer e uma cabeleira farta de fios negros e grossos empinados, num estilo *pompadour*. Esther pensou que ele lembrava o Finn, de *Star Wars: O despertar da força*, algo que, na sua opinião, significava ter uma aparência muito boa. Tentando reconhecê-la, ele deu uma olhada para ela, para a pintura de Jackson Pollock de sardas escuras espalhadas em seu rosto, peito e braços, e para a juba de cabelos ruivos que batiam abaixo de seus quadris.

— Como você sabe meu nome?

— Você não se lembra de mim?

Eles só haviam sido amigos por um ano e tinham apenas oito anos naquela época, mas ainda assim. Esther sentiu uma pontada de tristeza por ele ter se esquecido dela – ela certamente não se esquecera dele.

— A gente cursou o ensino fundamental juntos — Esther explicou. — Eu era da sala da sra. Price, junto com você. Você me chamou pra sair no Dia dos Namorados.

Jonah havia comprado um saco de balinhas e feito um cartão, no qual havia duas metades de uma laranja e uma frase que dizia: “Você é minha outra metade”. Dentro, ele a convidava para encontrá-lo no recreio.

Esther ficou esperando. Jonah não apareceu. Na verdade, ela nunca mais o viu.

Até agora.

— Ah, é — Jonah disse devagar, enquanto finalmente o reconhecimento ia surgindo em seu rosto. — Eu gostei de você porque você protestou pela morte de Dumbledore, na frente da livraria, tipo uma semana depois que o filme estreou.

Como Esther se lembrava: a pequena Esther, aos sete anos, com o cabelo tigelinha vermelho vivo, fazendo piquete na livraria local segurando um cartaz que dizia “SALVEM OS MAGOS”. Depois, a pequena Esther numa chamada do noticiário das seis, com um repórter ajoelhado ao seu lado perguntando: “Você sabia que o livro foi publicado há anos e o final não pode ser modificado?”, enquanto ela piscava, olhando aparvalhada para a câmera.

De volta à realidade:

— Detesto que exista uma prova disso em vídeo.

Jonah apontou a cabeça para seu traje: uma capa de tom vermelho-sangue presa no pescoço por uma fita, e um cesto de palha junto aos pés.

— Pelo visto você continua estranha. Por que está vestida de Chapeuzinho Vermelho?

Fazia vários anos que Esther não precisava responder perguntas sobre sua pré-disposição às fantasias. Na rua, estranhos sempre presumiam que ela estivesse indo ou vindo de uma festa. No que tangia o código de indumentária escolar, seus professores – para irritação deles – não conseguiam encontrar nenhuma falha em seus trajes. Seus colegas de turma já estavam acostumados a vê-la vestida como Alice no País das Maravilhas, Bellatrix Lestrange, ou sabe-se lá o quê, e nem ligavam para o que ela vestisse, desde que ela continuasse trazendo bolo escondido (já falo mais sobre isso).

— Eu estava visitando um avô. Pareceu apropriado — ela disse, em resposta, e isso pareceu satisfazer Jonah, porque ele concordou como se compreendesse.

— Olha, você tem algum dinheiro?

Esther tinha, sim, dinheiro, em seu cesto de piquenique de Chapeuzinho Vermelho. Ela tinha 55 dólares, tudo destinado ao Fundo Para Dar o Fora Dessa Droga de Cidade, que agora totalizava 2.235 dólares.

Mas voltando ao bolo mencionado anteriormente, acontece que, no segundo ano do ensino médio de Esther, a East River High instituiu vastas mudanças no refeitório até que houvesse

somente comida saudável. Com isso, lá se foram as pizzas, nuggets de frango, petiscos, batatas fritas, *sloppy joes* e chips que tornavam o ensino médio quase suportável. As palavras “Michelle Obama” eram murmuradas em desespero todas as vezes que um novo item como alho-poró, sopa de couve-flor e torta de brócolis cozido era acrescentado ao cardápio. Esther havia enxergado o surgimento de uma oportunidade de negócio e preparou uma caixa de brownies de chocolate com cobertura dupla. No dia seguinte, ela os levou para a escola, onde vendeu cada um por cinco dólares, tendo um lucro bem legal de cinquenta dólares. Desde então, ela se tornou a Walter White da *junk food*, e a amplitude de seu império foi tanta que os seus clientes passaram a chamá-la de “Cakenberg”.

Ela recentemente havia ampliado seu território à Casa de Repouso e Centro de Reabilitação Lilac Hill, onde as coisas mais empolgantes do cardápio eram cachorro-quente com salsichas cozidas além do ponto e purê de batata sem gosto. Os negócios estavam a toda.

— Por quê? — Ela disse, devagar.

— Eu preciso de dinheiro para a passagem de ônibus. Você me dá o dinheiro e eu posso usar seu celular pra transferir o valor diretamente da minha conta para a sua.

Parecia um negócio bem arriscado, mas Jonah estava com a cara roxa, sangrando, chorando, e ela ainda meio que o via como o garoto meigo que um dia gostou dela a ponto de lhe fazer um desenho de duas metades de uma laranja.

Então, Esther disse:

— De quanto você precisa?

— Quanto você tem? Eu pego tudo e transfiro pra você.

— Tenho 55 dólares.

— Eu fico com os 55 dólares.

Jonah levantou e foi sentar-se ao lado dela. Ele era bem mais alto do que ela achava, e bem mais magro também, como uma espiga de milho. E ela viu quando ele abriu o aplicativo do banco no telefone, fez o login, inseriu os dados bancários que ela lhe havia dado e autorizou a transferência.

Transferência bem sucedida, disse o aplicativo.

Então, ela abaixou, abriu o seu cesto, e lhe deu os 55 dólares que havia ganhado em Lilac Hill.

— Obrigado — disse Jonah, ao lhe dar um aperto de mão.

— Você é gente boa, Esther. — Então, ele levantou, piscou e sumiu. De novo.

Foi assim que, numa noite quente e úmida do fim do verão, Jonah Smallwood surrupiou seus 55 dólares e levou, no intervalo de aproximadamente quatro minutos:

– a pulseira de sua avó, tirando-a de seu punho;

– seu iPhone;

– um pacote de doces, que ela estava guardando para o trajeto de volta para casa;

– seu cartão da biblioteca (que ele depois usou para acumular os 19,99 dólares em taxas de reposição por desfigurar uma edição de *Romeu e Julieta* com um grafite de lagosta);

- sua edição de *O poderoso chefão*;
- sua lista quase definitiva de piores medos;
- e sua dignidade.

Esther ficou repassando na cabeça a lembrança de seu protesto por Dumbledore, digna de repugnância, e não percebeu que havia sido roubada até a chegada de seu ônibus, seis minutos e dezenove segundos depois, quando ela exclamou ao motorista: “Fui assaltada!”, ao que o motorista respondeu: “Não levo gentalha!”, fechando a porta na sua cara.

(Talvez Jonah não tivesse lhe roubado toda a dignidade – o motorista de ônibus levou os fiapos que ele não havia conseguido lhe arrancar dos ossos.)

Então, veja você: a história de como Esther Solar foi roubada por Jonah Smallwood é bastante objetiva. A história de como ela passou a amar Jonah Smallwood é um pouquinho mais complicada.

CAPÍTULO 2

A CASA DE LUZ E FANTASMAS

Esther levou exatamente três horas, treze minutos e trinta e sete segundos para caminhar até sua casa, que ficava na margem da margem da cidade. A cidade havia se expandido na direção contrária à esperada pelos construtores, deixando seu bairro no meio de lugar nenhum.

Durante a longa caminhada até lá, o tempo havia fechado e do céu jorrava água de forma que, até chegar aos degraus da frente, Esther estava encharcada, enlameada e trêmula.

A casa dos Solar estava reluzindo, como sempre. Uma joia fluorescente na rua escura. Uma brisa suave soprava por entre as árvores que haviam se enraizado no quintal da frente, como uma floresta no meio do subúrbio. Anos atrás, alguns vizinhos reclamaram sobre as luzes constantemente acesas. E Rosemary Solar respondeu plantando oito mudas de carvalho no gramado que, num espaço de cerca de seis meses, passaram a árvores gigantescas que envolveram a propriedade. Conforme elas cresciam, ela pendurava olhos-gregos em seus galhos. Aos centos, os olhos de vidro azuis, pretos e brancos tilintavam

como canções sinistras sempre que o vento soprava. Era para afastar o mal, dizia Rosemary. Até agora, as únicas pessoas que eles haviam conseguido assustar foram Escoteiros, Testemunhas de Jeová e crianças que passavam pedindo doce no Halloween.

Eugene estava sentado nos degraus da frente que levavam à varanda superiluminada, parecendo ter viajado no tempo, vindo de um concerto dos Beatles, com o corte de cabelo do Ringo e a noção de moda do John.

Esther e Eugene eram os gêmeos que ninguém jamais poderia acreditar serem gêmeos. Ele tinha cabelo escuro, o dela era claro. Ele era alto, ela era baixinha. Ele era magricela, ela era cheinha. A pele dela era salpicada de sardas, a dele era lisa.

— E aí? — disse Esther.

Eugene ergueu os olhos.

— Eu *disse* à mãe que você ainda estava viva, mas ela já está procurando caixões na internet. A paleta de cores para o seu velório será rosa e prata, pelo que fiquei sabendo.

— Afe. Eu pedi, especificamente, que fosse um velório de bom gosto, em preto e marfim, umas *cem* vezes.

— Ela está vendo a apresentação de slides pra morte emergencial que fez no ano passado, acrescentando novas fotos. Ainda termina com “Time of Your Life”.

— Deus, tão básico. Não dá pra decidir o que seria mais trágico, morrer aos dezessete anos, ou ter o enterro mais clichê de todos os tempos.

— Ah, vai, um enterro em rosa e prata não é clichê, é só *cafonérrimo*. — Os olhos de Eugene demonstravam uma preocupação verdadeira. — Você está bem?

Esther torceu os cabelos compridos; eles ficavam vermelho sangue quando molhados.

— Sim. Eu fui assaltada. Bom, não exatamente assaltada. Enganada. Por Jonah Smallwood. Lembra do garoto que me deixou plantada na escola, no Dia dos Namorados, durante o ensino fundamental?

— Aquele por quem você era desesperadamente apaixonada?

— O próprio. No fim das contas, ele é um talentoso batedor de carteiras. Acabou de roubar 55 dólares e minhas balinhas de frutas.

— Duas vezes desprezada. Espero que você esteja planejando vingança.

— Naturalmente, irmão.

Eugene levantou, passou o braço em volta do ombro dela, e eles entraram juntos, passando por baixo da ferradura pregada acima da porta, dos ramos de poejo pendurados no portal, e dos restos das fileiras de sal da noite anterior.

A morada dos Solar era uma antiga casa vitoriana, do tipo em que até a luz tinha um aspecto enevoado, desbotado. Era toda forrada com carpete de madeira escura, tapetes persas vermelhos e paredes em um tom único de verde empalidecido pela podridão. O tipo de casa onde os fantasmas se deslocavam dentro das paredes e os vizinhos acreditavam que os habitantes

eram amaldiçoados. Para os Solar, as duas coisas eram verdade.

Se algum dia algum estranho tivesse permissão de entrar, estas seriam as coisas que notaria:

- Todos os interruptores eram mantidos na posição de aceso, presos com fita isolante. Os Solar adoravam luz, mas Eugene era o que mais gostava. Para a sorte dele, os corredores eram perfilados com fios de luz, enquanto luminárias e velas cobriam a superfície dos móveis e, com bastante frequência, boa parte do chão.
- Marcas das chamas do Grande Incêndio de Pânico de 2013, quando numa queda de energia elétrica Eugene disparou de seu quarto até o corredor derrubando aproximadamente duas dúzias das supracitadas velas, ateando fogo na parede de *drywall*.
- Os degraus que conduziam ao segundo andar eram bloqueados por um monte de móveis inúteis, em parte porque Peter Solar estava na metade das reformas deste andar quando teve o seu primeiro derrame e todo trabalho rapidamente parou, mas também porque Rosemary acreditava que o segundo andar era realmente assombrado. (Como se um fantasma fosse assombrar somente metade de uma casa e deixar

educadamente os residentes relaxarem na outra parte, sem qualquer *atividade paranormal*. Fala sério.)

— Não havia nada nas paredes, fora os interruptores com fita isolante e as persianas para cobrir as janelas à noite. Nada de quadros. Nada de pôsteres. E, certamente, nada de espelhos. *Jamais*.

— Os coelhos na cozinha.

— O galo malvado chamado Fred, que seguia Rosemary Solar por todo lado e, segundo ela, era um duende vindo diretamente do folclore lituano.

Green Day estava *de fato* tocando baixinho na sala. Com seus quarenta e poucos anos, Rosemary Solar estava sentada no sofá, na frente da TV, assistindo à apresentação de slides do funeral de emergência que ela fizera, anos atrás, caso um de seus filhos viesse a morrer inesperadamente. Os cabelos castanhos caíam em seus ombros e ela tilintava quando se mexia, com seus punhos e dedos de passarinho apinhados de anéis e pingentes de boa sorte. As moedas costuradas em sua roupa – na bainha, mangas, costuradas do lado de dentro de cada bolso, com linha metálica – ressoavam como gotas de chuva.

Estas eram as coisas que Esther considerava aspectos característicos de sua mãe:

- Quando jovem, Rosemary tinha sido uma patinadora campeã no Roller Derby, chamada “The She Beast”. Na fotografia, que era a predileta de Esther, ela estava fantasiada na pista e era quase idêntica a Eugene: o mesmo cabelo escuro, os mesmos olhos castanhos, a mesma pele clara sem a mácula das sardas que cobriam Esther. Era sinistro.
- Rosemary tinha sido casada antes, quando tinha dezoito anos, com um homem que deixou uma cicatriz fina em formato de “C” em sua sobrancelha esquerda. O homem e o seu destino nunca foram mencionados. Esther gostava de imaginar que ele tinha sofrido uma morte longa e dolorosa assim que Rosemary o deixou. Talvez ele tivesse sido comido por cães selvagens, ou lentamente cozido num barril de óleo.
- Horticultora por ofício, Rosemary tinha a habilidade de fazer as plantas crescerem com apenas um toque. Flores pareciam desabrochar na sua presença e virar-se em sua direção quando ela passava. Os carvalhos do gramado da frente ouviram quando ela sussurrou para eles dizendo-lhes para crescer. Sempre houve um toque de magia nela.

Esse último ponto era o que Esther mais gostava em Rosemary. Ela sentira isso desde criança e, mesmo depois de

ter deixado de acreditar em fadas, no Papai Noel e nas cartas de Hogwarts, ela ainda sentia essa energia emanada pela sua mãe.

Esther pensava na magia como uma amarra. Um fio prateado invisível que unia seus corações, independentemente da distância. Era isso que fazia com que Rosemary fosse ao seu quarto quando Esther tinha pesadelos. Era o que fazia uma dor de cabeça, ou de dente, ou um enjoo passar quando ela pousava a palma da mão em sua testa.

Então chegou a maldição, como sempre chegava. Peter teve o derrame e passou a ficar recluso no porão. O dinheiro ficou apertado. Rosemary começou a jogar e, desesperada para não perder, foi lentamente sendo consumida pelo medo do azar. A amarra que unia mãe e filha começou a enfraquecer, foi morrendo. Esther não gostava menos da mãe, mas a magia havia começado a se desfazer e Rosemary vinha se tornando lenta, mas inteiramente – horrendamente – *humana*.

E, nesse mundo, há poucas coisas piores do que humanos.

Rosemary saltou do sofá e envolveu Esther num abraço estrangulado, com Fred, nada impressionado, preso embaixo do braço. A seu redor, o ar cheirava a sálvia e cedro. Sua roupa tinha aroma de artemísia e cravo. Seu hálito tinha um leve odor de poejo. Todas essas ervas tinham a finalidade de afastar o azar. Rosemary Solar tinha cheiro de bruxa, o que a maioria das pessoas da vizinhança achava que ela era e, talvez, o que ela gostava de achar também, mas Esther não era boba.

— Eu estava *tão* preocupada — disse Rosemary, afastando os cabelos molhados do rosto da filha. — Por onde você andou? Por que não estava atendendo o celular?

Esther desfrutou do carinho e da preocupação e sentiu vontade de se desmanchar nos braços da mãe, deixar que Rosemary a confortasse, como fazia quando ela era pequena. Mas as propriedades analgésicas desgastadas das mãos da mãe não bastaram para compensar o fato de ela tê-la deixado em apuros novamente, e Esther a afastou.

— Se você tivesse ido me buscar, como deveria, talvez eu não tivesse sido brutalmente assaltada a caminho de casa. — O furto de Jonah não contava exatamente como roubo, mas Rosemary não precisava saber disso. Às vezes, Esther gostava de fazê-la se sentir culpada.

— Você foi assaltada?

— *Brutalmente assaltada*. Você deveria ter ido me buscar.

Rosemary pareceu aflita.

— Eu vi um *gato preto*.

Não pela primeira vez, Esther teve a sensação de atração-repulsão que definia o relacionamento delas nos últimos anos. A atração fazia com que ela quisesse segurar o rosto de Rosemary e garantir que tudo ficaria bem. Ao mesmo tempo, havia a repulsão, esse negócio sinistro que vazava ácido em suas vísceras, porque não era justo. Não era justo que sua mãe tivesse se transformado nisso. Não era justo que todos os Solar tivessem sido condenados a viver com aquele medo ridículo.

— Vá dizer ao seu pai que você está bem — Rosemary acabou dizendo.

Esther foi até o elevador de carga da cozinha, encontrou a caneta e o bloco que viviam ali, e escreveu um bilhete que dizia:

Estou bem. Por favor, desconsidere quaisquer correspondências anteriores que digam o contrário. Saudades. Com amor, Esther.

Depois, ela enrolou o bilhete, colocou-o no monta-cargas e puxou a corda que levaria o pequeno elevador até o porão. Em outra época, esse aparato deve ter sido usado para transportar lenha para o boiler. Agora servia apenas para comunicação.

— Olá, Esther — ecoou a voz de Peter Solar, vão abaixo, um minuto depois. — Que bom saber que você não está mais desaparecida.

— Oi, pai — ela gritou de volta. — O que você está assistindo esta semana?

— Estou vendo *Mork & Mindy*. Nunca assisti quando passou. É bem engraçado.

— Que bom.

— Eu te amo, querida.

— Também te amo.

Esther fechou a porta do monta-cargas e seguiu para o seu quarto. No corredor, as centenas de velas chiavam conforme as gotas de água de seus cabelos e sua roupa respingavam. O

quarto se parecia um pouco com aqueles abrigos radioativos dos filmes pós-apocalípticos onde toda a arte do Louvre e do Rijksmuseum e do Smithsonian são armazenadas na tentativa de salvar o que se pode da humanidade. A maior parte dos móveis pertencia aos seus avós: a cama de armação preta de ferro, a escrivaninha de teca, o baú entalhado que seu avô trouxe de algum lugar da Ásia, os tapetes persas que cobriam grande parte do piso de madeira. Tudo que ela pôde salvar da casinha singular que eles tinham. Ao contrário do restante da casa que, com exceção dos interruptores com fita isolante, das luminárias e das velas, era nua e esparsa, as paredes de seu quarto eram cobertas de pinturas emolduradas, tapeçarias indianas, prateleiras pregadas, e quase nem dava mais pra ver o papel de parede por trás.

E fantasias. Fantasias por todo lado. Fantasias explodindo para fora do armário. Fantasias em vários estágios de desenvolvimento pendendo do teto. Fantasias presas a três manequins vintage, imensas saias rodadas, vestidos pretos cintilantes e tiras verdes de um couro tão macio que pareciam chocolate derretido nas mãos. Penas de pavão, colares de pérolas e relógios de bronze de bolso, cada um mostrando um horário diferente. Uma máquina de costura Singer – de sua falecida avó – coberta de faixas de veludo e seda prontas para serem cortadas em moldes. Uma dúzia de máscaras penduradas em cada mastro da cama. Uma cômoda inteira com gavetas dedicadas a maquiagem – potes de purpurina dourada, sombra azul-turquesa, pó de osso branco para o rosto,

látex líquido e um batom tão vermelho que os olhos queimavam só de olhar.

Eugene geralmente se recusava a entrar ali porque toda aquela tralha fazia o quarto parecer mais escuro do que realmente era, mas também porque o interruptor não estava preso com fita isolante na posição de aceso e, teoricamente, poderia ser desligado por um espírito vingativo a qualquer momento se ele estivesse inclinado a tal. (Espíritos vingativos eram uma grande preocupação para Eugene. Isso era algo em que ele pensava com frequência. Muita frequência.)

Esther pousou seu cesto e começou a tirar sua capa molhada antes de perceber uma aparição em pé, perto de um cabide de casacos lotado, no canto dos fundos do quarto. Hephzibah Hadid estava meio escondida pelo monte de echarpes, de olhos arregalados, parecendo um fantasma que tinha sido visto por acidente.

— Meu Deus, Heph — disse Esther, colocando a mão no peito. — Nós já falamos sobre isso. Você não pode simplesmente ficar aqui, à espreita.

Hephzibah lançou um olhar lamentoso e saiu do canto.

Nos três primeiros anos de amizade entre elas, Esther realmente se convenceu de que Hephzibah era sua amiga imaginária. Na realidade, Hephzibah não falava com ninguém, e os professores nunca a chamavam pelo seu nome *justamente porque* ela não falava com ninguém, apenas flutuava ao redor de Esther e a seguia por todos os lados, algo com que ela não

se importava, já que se sentia uma criança sem atrativos, com poucos amigos.

Tudo em Hephzibah era esguio e magro: cabelos finos, membros bem magrinhos, e todo aquele negócio de cabelos cinzentos e olhos pálidos da Bar Refaeli.

Antes que Esther tirasse a capa, Hephzibah agarrou-a e deu-lhe um abraço forte – um raro sinal de afeição – antes de voltar para o canto e lançar um olhar de “O que houve?”. Ao longo de uma década de amizade, elas até que se deram bem com a comunicação sem palavras. Esther sabia que Heph *podia* falar. Certa vez, ela a escutou casualmente falando com os pais, mas Hephzibah tinha se dado conta e ficado sem falar com ela por um mês. Ou, em vez disso, não tinha não falado com ela. Tanto faz.

— Eu fui roubada por Jonah Smallwood. Lembra daquele garoto da turma da sra. Price que me fez gostar dele e depois sumiu?

Hephzibah lançou um olhar asqueroso ao qual Esther interpretou como “Sim, eu me lembro”. Depois, ela suspirou como quem diz “Ele te enrolou de novo?”

— Sim, enrolou. E me surrupiou 55 dólares, roubou a pulseira da minha avó, meu iPhone e minhas balas de frutas.

— Hephzibah parecia enfurecida. — Sim, eu sei, as balinhas foram um golpe e tanto. Também estou furiosa.

— Nós ainda vamos à festa, certo? — ela sinalizou. — Por mais que elas fossem boas na comunicação quando crianças, ficou claro que, já adolescentes, talvez precisassem de um

sistema mais complexo do que fazer mímicas. Então, os pais de Hephzibah pagaram para que os três – Heph, Eugene e Esther – aprendessem a linguagem de sinais.

Esther não queria ir à festa. Ela não queria participar desde o começo. Festas significavam pessoas e pessoas significavam olhos e olhos significavam observação penetrando em sua pele como pequenos gorgulhos julgadores, e ser julgada significava ficar sem ar em público, o que só levava a mais julgamento. Mas Heph cruzou os braços e sacudiu a cabeça em direção à porta da frente, um gesto que Esther interpretou como “Esse é um pedido não negociável de amizade”.

— Ah, o.k., o.k. Tudo bem. Vou me arrumar.

Hephzibah sorriu.

— Talvez a gente deva levar o Eugene — ela sinalizou.

— Verdade. Se a minha mãe sair... Sem chance de o deixarmos aqui sozinho.

Eugene não suportaria ficar no escuro, mas ele tampouco aguentaria ficar em casa sozinho, à noite. As coisas vêm atrás de você, quando você está sozinho – ou, pelo menos, é o que ele dizia.

Então, Esther foi buscar o irmão.

O quarto de Eugene não se parecia em nada com o dela: paredes nuas e nenhum móvel para além da sua cama de solteiro posicionada bem no meio do quarto, exatamente embaixo da luz do teto. Eugene estava deitado em seu colchão fino, lendo, cercado por uma dúzia de luminárias e três vezes a quantidade de velas, como se estivesse em seu próprio velório

— onde, de certa forma, ele estava. Todas as noites, quando o sol se punha, Eugene meio que desbotava e era substituído por uma criatura oca, que se deslocava silenciosamente pela casa, tentando absorver todas as partículas de iluminação para que sua própria pele reluzisse o suficiente para afastar a escuridão.

— Eugene — disse ela —, você quer ir a uma festa?

Ele ergueu os olhos de seu livro.

— Onde?

— Perto daquela antiga refinaria de níquel. Vai ter fogueira.

Para Eugene, o fogo era a única fonte confiável de iluminação e ele o louvava mais do que qualquer homem das cavernas. Ele nunca saía de casa sem a sua lanterna, pilhas extras, um isqueiro, fósforos, gravetos, um trapo encharcado de óleo, varetas de centelha, um arco e broca, uma pederneira, e vários acessórios possíveis para fazer fogo. Graças aos Escoteiros, ele era capaz de acender uma fogueira desde os oito anos. Eugene seria um excelente acréscimo a qualquer equipe de sobrevivência ao apocalipse, não fosse seu incômodo por não conseguir ficar ao ar livre sem qualquer feixe de luz, do anoitecer ao raiar do dia.

Eugene assentiu e fechou seu livro.

— Eu vou com você à festa.

Esther colocou uma fantasia de Wandinha Addams e lá foram eles, os três adolescentes mais estranhos da cidade: um fantasma que não conseguia falar, um menino que odiava o

escuro, e uma menina que se vestia como outra pessoa, aonde quer que fosse.

Uma hora depois, a refinaria de níquel surgia à vista como um castelo de metal e ferrugem, com o interior reluzente pela brasa do carvão na lareira acesa, e sombras que tremulavam pelos vidros das janelas enquanto os adolescentes dançavam como mariposas ao redor das chamas.

— Bom, vamos dar um toque de esquisitice nesse lugar — disse Esther, conforme eles caminhavam em direção ao galpão.

Às vezes, artistas faziam exposições e exhibições de filmes *avant-garde* na refinaria e casais iam até lá para fazer suas fotos para o álbum de casamento. Porém, na maior parte do tempo, o local era usado por aspirantes a Banksy e alunos de ensino médio se embebedando nos fins de semana. Uma cerca de ferro temporária havia sido posta na frente da entrada do galpão, como se isso fosse o suficiente para evitar a entrada de uma horda de adolescentes raivosos em busca de diversão no último fim de semana das férias de verão. O canto já havia sido cortado e arregaçado com cortadores de cerca. Eles eram raposas entrando sorrateiramente no galinheiro. Eles sempre encontrariam um jeito.

A música transbordava dos alto-falantes portáteis. O riso e o falatório eram amplificados pela vastidão do galpão. A cerca de cinco metros da cerca, Esther atingiu o campo de força. Heph e Eugene deram cinco passos cada um antes de

perceberem que ela não estava mais caminhando ao lado deles. Os dois pararam e olharam pra ela.

— Vão indo na frente — disse Esther. — Eu vou pegar um pouco de ar aqui, por alguns minutos.

Heph e Eugene se entreolharam, mas não disseram nada. Hephzibah não falava, então isso não foi surpreendente, mas Eugene não disse nada porque isso o tornaria um mega-hiper-hipócrito.

— Manda pra dentro o seu líquido da coragem e vem encontrar a gente — ele acabou dizendo. Em seguida, entrelaçou seu braço no de Heph e eles entraram.

— Certo, ansiedade social — Esther disse a si mesma, abrindo uma das garrafinhas de vinho quente que tirou da coleção da mãe. — Hora de se afogar.

Ela deu três goladas. O gosto que vinha depois era algo exótico e podre, mas ela não ligava, porque adolescentes não consumiam álcool por suas qualidades apetecíveis, mas sim porque era uma ferramenta útil para deixá-los mais bacanas e engraçados e menos desastrosos socialmente.

A pior é que a ansiedade não afeta simplesmente o seu modo de pensar, ou o seu jeito de falar, ou a sua maneira de agir perto do outros. Ela afeta os seus batimentos cardíacos. A sua respiração. O que você come. Como você dorme. A ansiedade parecia uma âncora cravada nas suas costas, com uma ponta em cada pulmão: uma atravessando o coração, e outra a coluna, com o peso fazendo sua postura curvar-se à frente, arrastando você até as profundezas lodosas do solo

marinho. A boa notícia era que, depois de um tempo, era possível se acostumar com isso. Acostumar-se ao resfôlego, à sensação de estar à beira de um ataque cardíaco que te segue por toda parte. Você só precisa pegar numa das pontas à mostra em seu esterno, sacudi-la e dizer “Escute aqui, babaca. Não estamos morrendo. Temos uma porrada de coisa pra fazer”.

Esther tentou isso. Ela respirou fundo algumas vezes, tentou expandir seus pulmões em meio às contrações esmagadoras de suas costelas, o que não ajudou muito, porque a ansiedade era cruel. Ela então tomou um pouco mais de vinho e esperou que o álcool entrasse na briga com seus demônios, porque ela era uma garota de dezessete anos totalmente sensata e saudável.

CAPÍTULO 3

O GAROTO DA FOGUEIRA

Esther andou de um lado para o outro ao longo da entrada para o galpão equilibrando-se em cima de uma viga de ferro enferrujada, caída do telhado, olhando ocasionalmente para as sombras compridas projetadas no concreto pela luz tremulante da fogueira. Ela pensava em entrar na festa. Ela talvez até quisesse entrar. Afastou-se da viga e puxou o pedaço solto da cerca, no buraco da entrada, tentando se forçar a passar. *Encontre o Eugene. Encontre a Hephzibah. Você vai ficar bem.*

Mas então, um grupo de garotos bêbados e cambaleantes do segundo ano veio em sua direção, ela soltou a cerca, fechando-a, e saiu correndo para o escuro feito um guaxinim assustado. Ela não conseguia questionar os motivos pelos quais estava ali fora, pois não tinha nenhuma resposta boa. Como explicar a estranhos que há um campo de força em volta deles, uma barreira invisível zunindo em volta de gente que ela não conhece e que a repele?

Esther subiu um vão de degraus apodrecidos que, colados com fita isolante, levavam ao segundo andar do galpão na

sequência de um labirinto de corredores, e espanou um quadrado no chão para sentar. Ela tomou um belo gole do vinho e olhou em volta, agora que seus olhos tinham se acostumado com a baixa luminosidade. A luz da fogueira penetrava pelos buracos no chão. Eugene não conseguiria sobreviver muito tempo naquela sala fosse porque a luz era mínima e tremulante, ou porque outros – provavelmente adolescentes – haviam passado por ali e rebocado as paredes com tinta vermelha, como se fosse sangue. As palavras “DÊ O FORA DÊ O FORA DÊ O FORA” estavam escritas, repetidamente, em borrões feitos com os dedos. Eugene teria um ataque de pânico e/ou entraria espontaneamente em combustão.

Esther estava ligeiramente mais corajosa e, talvez, levemente embriagada. Ela se deitou de bruços, ao lado de um dos maiores buracos com visão para festa e, enquanto bebia, ficou desenhando na poeira, observando a pequena fileira de insetos pretinhos descendo pelo seu antebraço e parando nas pontas de seus dedos. Ela não se importava de ficar ali, às margens, de onde podia assistir a tudo de cima. Eugene estava perto do fogo, também bebendo uma garrafa de vinho roubada de Rosemary. Esther observou o seu irmão por algum tempo, tentando entender como ele se encaixava no estranho quebra-cabeça social que ela mesma não conseguia compreender.

Eugene tinha uma popularidade fácil, misteriosa, que o aturdiava tanto quanto a Esther. Teoricamente, ele deveria ser um alvo primordial para adolescentes escrotos: era meio feminino, vestia-se de forma esquisita, e era profundamente

interessado em temas como demonologia, religião e filosofia. Era inteligente, quieto, atencioso, delicado, e – talvez, acima de tudo – seu nome era Eugene. O ensino médio poderia ser um pesadelo real para ele, mas não era.

Daisy Eisen estava tentando desesperadamente paquerá-lo, completamente alheia ao fato de que o olhar dele desviava dela a todo momento e fixava-se num cara negro, majestoso, que contava uma história a um grupo de pessoas do outro lado da fogueira. Esther observou-o por um tempinho, atentando-se aos seus movimentos animados, ao jeito como ele subiu numa bigorna para que todos pudessem vê-lo, a como ele segurava uma bebida em cada mão e estalava os lábios enquanto contava sua história alegre. O cara se movia como a sombra numa peça, como um ator no palco em um século do passado. Dava pra ver por que Eugene estava hipnotizado.

Então, ele virou.

E, pela segunda vez naquele dia, ela o reconheceu.

Reluzindo sob as chamas aquecidas da lareira, estava Jonah Smallwood. Até dali dava para ver que o hematoma inchado em seu rosto tinha sumido e que o corte em seu supercílio havia sarado, o que significava que ou ele era *a)* um Highlander ou *b)* um artista com maquiagem bem decente – ambas as opções igualmente implausíveis.

Esther não costumava ser inclinada a rompantes violentos, mas por alguns segundos ela pensou em quebrar sua garrafa de vinho na parede e levar o caco para espetar os intestinos de Jonah. Contudo, ela se lembrou de que sangue era o item

número quarenta da sua lista quase definitiva de piores medos, sentiu um pouco de enjoo, e resolveu apenas socá-lo. Ela abandonou a garrafa, desceu, passou pela cerca de ferro e seguiu marchando até a fogueira, com sua fúria temporariamente desalojando a âncora da ansiedade de seu peito e lhe dando uma coragem extraordinária.

Jonah não a reconheceu imediatamente, porque ela estava vestida de Wandinha Addams, e esse era o efeito desejado com as fantasias. Confusão. Desorientação. Camuflagem dos predadores.

Quando ela estava a três palmos dele, a ficha caiu. Jonah ligou o rosto dela à lembrança “a garota que eu roubei no ponto de ônibus e deixei lá para morrer”, disse “Merda!” e cambaleou, descendo da bigorna, deixando cair uma de suas bebidas. Ele ia escapar como um raio, mas era tarde demais. Esther já estava ali. Ela o agarrou pela frente da camisa e o suspendeu no ar. Nunca havia agredido ninguém na vida, não com a intenção de realmente machucar. Seu golpe pegou dois centímetros acima do alvo pretendido – o olho esquerdo –, e meio que deslizou lentamente pela lateral da testa dele antes de derrapar como uma brisa suave, subindo pelo cabelo.

— Você me bateu no cabelo — disse Jonah, como se ele estivesse totalmente desconcertado por esse fato.

— Você roubou meu dinheiro! E as minhas *balinhas de fruta!*

— Estavam deliciosas. — Ele pronunciou cada sílaba de um jeito que fez o olho de Esther tremer como o de um vilão

num desenho animado.

E foi quando surgiram as sirenes.

— Que merda! Corre!

Embora ela tivesse acabado de lhe dar aquele soco fraco do lado esquerdo da cabeça, Jonah soltou o outro drinque, segurou a mão dela e puxou-a, seguindo para os fundos do galpão. A primeira coisa que passou pela cabeça de Esther foi Eugene, que não conseguia correr, que não conseguia deixar a luz da fogueira. Mas os policiais já estavam muito próximo a eles, gritando, com os fachos das lanternas em todas as direções. Ecoava o som dos latidos dos cães dos policiais e dos gritinhos empolgados dos adolescentes que conheciam a refinaria de níquel como seus próprios lares, conheciam os segredos do lugar, as fendas escondidas, os labirintos de passarelas suspensas, e os buracos na ferrugem dos aquecedores suficientemente grandes para que alguém passasse engatinhando e se escondesse. Eles sabiam que eram rápidos o bastante para fugir, por isso uivavam e riam até que, enfim, ficassem em silêncio, como se a refinaria os tivesse engolido por inteiro, um a um. E lá estavam Esther e Jonah respirando ofegantes, silenciosamente, com a consciência de que apesar de terem corrido tinham sido vistos e de que a fuga era questionável.

Seu segundo pensamento foi que ela não deveria estar fugindo, de jeito nenhum. Ela deveria parar, virar, esperar pelos policiais e identificar Jonah Smallwood como o criminoso batedor de carteiras que lhe surrupiara os 55 dólares

e um pacote de balinhas que ela ansiosamente aguardava para comer algumas horas antes. Mas ela não o fez. Ela correu e correu e correu e Jonah não largou sua mão. E então eles estavam do lado de fora, junto a uma touceira de árvores, entrando – e depois cambaleando – pela vegetação rasteira. Ela caiu por cima dele, com seu joelho direito entre as coxas dele, seu peito junto ao dele, sua mão ainda na mão dele.

O facho de uma lanterna passou por cima da cabeça dela. Um cão rosnou. Jonah a puxou pelo crucifixo – acessório importante em qualquer fantasia de Wandinha Addams –, tão perto que o nariz dela estava pressionado na pele do pescoço dele e não havia outra escolha que não a de inalar o cheiro dele repetidamente. Não o perfume do seu xampu ou do amaciante de roupa, ou da colônia (ou – sejamos honestos, afinal ele era um garoto adolescente – do seu desodorante corporal Axe), mas o cheiro *dele*, aquele cheiro que você sente quando entra no quarto ou no carro de alguém e não é exatamente um cheiro ruim ou bom, é apenas o cheiro *desse alguém*. A sua essência. Normalmente, você precisa conhecer a pessoa durante anos até saber qual é o cheiro dela. Tem que excluir o perfume, o suor, o xampu e o sabão em pó. Mas ali estava ele, deitado de peito aberto, diante dela.

Os policiais se aproximavam. Jonah pressionou o dedo nos lábios dela, puxando-a mais para junto dele, tentando tornar os dois corpos menores do que eram, o que era difícil, porque ele era alto, ela era larga, e ela sentia o sangue pulsando com tanta força e tão ruidosamente em suas veias, que devia estar como

um farol no escuro. Ao passo que ela respirava Jonah, uma coisa curiosa acontecia: a âncora alojada em suas costas afrouxava ligeiramente, deixando seus pulmões se estenderem ao máximo. Quando você sente ansiedade, você realmente não consegue respirar fundo. Suas costelas tornam-se pequenas demais para deixar que seus pulmões murchos se expandam para mais do que a metade de seu tamanho.

No entanto, após alguns segundos calmos no escuro, Esther não estava preocupada com dinossauros *Velociraptors*, nem com pumas, nem com uma possível invasão alienígena, que eram suas preocupações habituais antes de adormecer, à noite. Ela não estava particularmente preocupada em ser presa, porque Jonah não parecia nem um pouco alarmado.

O fecho de uma lanterna pousou no rosto deles, o nariz dela ainda estava no pescoço de Jonah e o dedo dele ainda estava pousado sobre os lábios dela. Jonah abriu um sorriso magnífico.

— Boa noite, policial — ele disse, num tom agradável, como se essa pose fosse a menos comprometedora de todas em que ele já havia sido flagrado por alguém da lei. — Algum problema?

— Vocês invadiram propriedade particular — disse o policial, que ainda não era nada além de uma voz grave e uma luz radiante no escuro.

— Minha nossa. Nós só saímos pra uma noite de observação de pássaros. Dizem que a rara coruja-das-torres foi vista por aqui. — Jonah disse e, quando o policial o puxou pelo

colarinho, continuou: — Ei, ai, ei, tudo bem, tá bom, cara, Jesus.

Mais policiais surgiram e Esther também foi colocada de pé, na direção das lanternas, na frente do galpão, por uma mulher troncuda (possivelmente uma ex-lutadora de MMA em jaulas).

No fim das contas, Eugene nem tentou correr da polícia, e assim ninguém prestou muita atenção nele. Ele estava em pé deleitando-se com as luzes vermelhas e azuis ao lado de uma das três viaturas, com as mãos nos bolsos, como se estivesse esperando pra encontrar alguém na Starbucks e não esperando para ser preso.

Se esconde, Esther tentou expressar através de uma mímica com a boca. Eugene olhou em volta e sacudiu os ombros, depois caminhou de volta até a fogueira, onde continuaria até o amanhecer, sem conseguir deixar esse círculo de luz até que o sol nascesse. A polícia não o percebeu. Ela ficava preocupada que outras pessoas não o vissem. Às vezes, com a luz certa, quando ele virava num determinado ângulo, ela podia jurar que Eugene era transparente. Sabe aquelas lembranças esquisitas que você tem da infância, aquelas que você não sabe explicar, aquelas lembranças pela metade, impossíveis, do fim de um sonho? Um livro voando sozinho de uma prateleira, a respiração embaixo d'água, uma mancha negra com dentes e garras e olhos brancos no fim de um corredor. Todas as lembranças que Esther tinha eram de Eugene. Quando eles eram menores, quando ele estava muito

triste ou muito assustado seu corpo piscava como se ele tivesse sendo projetado na realidade, mas não fizesse parte dela. Como se ele pudesse se desligar, quando quisesse.

Um menino feito de vaga-lumes.

Ronda Rousey empurrou a cabeça dela para dentro da viatura como se fosse a cabeça de um pobre homem, e Esther viu o irmão desaparecer em pleno ar, só por um instante. Depois, Jonah foi enfiado no banco traseiro ao lado dela. E foi assim que, na mesma noite em que a roubou, Jonah Smallwood acompanhou Esther Solar em sua primeira prisão.

Afinal, eles não estavam realmente presos, como deveriam ter suposto pela ausência das algemas e da leitura da Advertência Miranda. Os policiais os levaram para a cidade, para a delegacia, e os colocaram em celas de detenção separadas, local a que se referiam como “suítes de apreensão”. A cela de Jonah estava vazia, mas a de Esther abrigava uma mulher bem magrinha, de peruca ruiva, que estava arrancando casquinhas do braço. Ela se apresentou como Maria, a mãe de Deus.

Esther tentou explicar a Ronda a grande injustiça que lhe haviam feito, e que Jonah deveria ser acusado pelo roubo e ela deveria ser libertada, mas Ronda ignorou-a e disse apenas: “Um telefonema”.

Esther não estava com seu celular (obviamente) e não conseguia se lembrar do número de nenhum parente, só o de seu avô, o que não ajudava muito. Então, ela ligou para Hephzibah:

Esther: Hephzibah, eu fui presa e preciso que você peça a minha mãe para ela vir me soltar.

Hephzibah: (silêncio)

Esther: Eu imagino que o fato de você ter acabado de atender o seu celular significa que você conseguiu fugir quando os policiais invadiram o local.

Hephzibah: (silêncio)

Esther: Eu sei que a minha mãe vai ficar no cassino, tipo, até o amanhecer, mas você precisa dizer a ela onde eu estou, está bem?

Hephzibah: (silêncio)

Esther: Além disso, eu deixei o Eugene sozinho na refinaria. Você pode, por favor, ir até lá e pegá-lo?

Hephzibah: (silêncio)

Esther: Agora eu vou voltar ao meu papel de criminosa.

Hephzibah: (silêncio)

Esther: Certo, foi uma boa conversa.

O policial a levou de volta até a cela. Quando ela chegou, foi se deitando de bruços no chão para não ter que falar com Jonah, que estava sentado nos fundos de sua jaula, de pernas cruzadas, de frente pra ela.

— Eu não deitaria aí, se fosse você — disse Jonah.

Ao que ela respondeu:

— Eu vou sobreviver?

Ao que ele respondeu:

— Pense em todo mijo e vômito e sangue que já caiu nesse chão. Você sabe que eles não pagam esse policiais direito pra limpar isso.

— Ele está certo, sabia — tagarelou a mãe de Jesus. — Eu fiz xixi aqui na semana passada.

— Está mesmo cheirando muito a urina. — Esther sentou e imitou a pose de Jonah, com as costas junto às grades. Jonah foi levado para fora da cela para fazer o seu telefonema, que — a julgar pela quantidade de berros e palavrões — não transcorreu tão suavemente como o dela.

— Sabe, eu estive pensando em você, desde que te roubei, essa tarde — disse ele, quando se sentou novamente. O policial na mesa perto das celas olhou por cima dos óculos, erguendo as sobrancelhas. — É uma metáfora pra... é, uns negócios de sexo — Jonah explicou rapidamente. O policial estreitou os olhos e olhou de volta para o seu celular.

— Sobre como você quer perdão pelo seu crime hediondo?

— Não, sobre a sua família estranha sobre a qual você fez uma apresentação no ensino fundamental.

— Ah. — Esther tinha se matriculado na East River High School porque, além de Hephzibah, ninguém de sua turma do quarto ano ia estudar lá e, conseqüentemente, ninguém se lembraria da sua redação do quarto ano sobre a maldição da família Solar.

— É... como é mesmo a esquisitice deles? São todos intolerantes à lactose, algo assim?

— É exatamente isso. Eles não podem com leite.